



Evaristo Marzabal Neves



Uma revelação preocupante?

●●●●● O relatório Living Planet Report, produzido a cada 2 anos pela World Wildlife Fund (WWF), em parceria com a Global Footprint Network e a Zoological Society of London, denuncia que o ser humano vem consumindo mais recursos naturais do que o planeta produz, 30% a mais nos dias de hoje.

Esta informação preocupa? Sim. Por quê? Porque se o ser humano mantiver o mesmo ritmo de destruição num ambiente de alta demanda, o consumo acima da oferta passará dos atuais 30% para 100% em 2030, necessitando assim 2 planetas para sustentar o mundo. Impossível, não é?

Sintetizando, metodologicamente para se chegar a estes valores, a pesquisa se apóia em 2 índices: pegada ecológica, que mede quanto cada ser humano usa de recursos naturais equivalentes a uma determinada área ambiental, e, biocapacidade que mensura a extensão de terreno biologicamente produtivo - terras destinadas às lavouras e pastagens, florestas e pesca - disponível para atender as necessidades dos seres humanos. A diferença entre biocapacidade (oferta de recursos naturais) e a pegada ecológica (demanda por esses recursos)

identifica os países que são ecologicamente sustentáveis.

Entre os artigos, o editorial "A conta está sendo pendurada" (Revista da Semana, Edit. Abril, Ano 2, Edição 61, n. 43, 06/11/08, p.10-11), capa "Vai faltar Planeta", afirma que "se o homem tira mais do que a natureza pode dar, a conclusão é imediata: tem gente sem receber sua parte. Há, no mundo, 923 milhões de famintos de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU) e, no final do próximo ano, poderá chegar a 1 bilhão". Não precisa ir longe nestas projeções, com o noticiário de que vem ocorrendo êxodo em massa no Congo por falta de alimentos. Em quantos países no continente africano não se observa o mesmo? E, nas regiões pobres da Ásia? Quantos famintos neste mundo? E o Congo é um dos cinco países mais sustentáveis, ocupando o 3º lugar, tendo muita riqueza natural (florestas), mas pouco consumo (muita pobreza).

Seguindo o editorial "a exploração da natureza dobrou nos últimos 45 anos. Em 1961 quase todos os países tinham mais recursos do que podiam consumir. A virada começou a acontecer em 1990, e, hoje, ¾ dos países do mundo estão

endividados com a conta ambiental". Esta dívida vem aumentando rapidamente nos últimos anos devido ao choque de demanda nos países emergentes e nos desenvolvidos, ao aumento populacional e da renda, à intensa urbanização e elevado consumerismo, ao desperdício alimentar e a fatores climáticos adversos e mais constantes (inundações, terremotos, furacões, etc.), atuando sobre as áreas biologicamente produtivas.

Para o editorial, basta um exemplo para entender esta dívida: quem mora numa quitinete no centro de uma capital consome e usa recursos naturais equivalentes a uma determinada área ambiental. Precisa de água, alimentos, vestuário, recursos florestais que ele não produz. Quanto mais avança a urbanização sobre os recursos biologicamente produtivos, tanto maior é a conta ambiental. É possível mitigar esta dívida crescente?

O relatório mostra que sim, que há tempo e meios de reverter um colapso previsto para anos à frente. É assunto para o artigo seguinte: Fome: o que é isso?

Evaristo Marzabal Neves, 67 anos, Prof. Titular, Esalq/USP. E-mail: emneves@esalq.usp.br